

*A Esposa do Rei*



*A Esposa do Rei*  
M. Okuno



Multifoco

**GRUPO MULTIFOCO**

Rio de Janeiro, 2018

Copyright © 2018 Miriam Okuno.

DIREÇÃO EDITORIAL Grupo Multifoco  
EDIÇÃO Rodrigo Amorim  
REVISÃO Maira Fátima de Oliveira Nobre  
PROJETO GRÁFICO Paula Guimarães  
CAPA Bruno Lima

DIREITOS RESERVADOS A

**GRUPO MULTIFOCO**

Av. Mem de Sá, 126 - Centro  
20230-152 / Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: (21) 2222-3034  
contato@editoramultifoco.com.br  
www.editoramultifoco.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores e autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O41e Okuno, M.  
A esposa do rei / M. Okuno. – Rio de Janeiro:  
Multifoco, 2018.  
314 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-8273-437-7

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. I.  
Título.

CDD B869.3

Ficha catalográfica elaborada por Marília Gorito Silva (CRB-7/6931)

*Ao meu amor, Luis Fernando, que sempre me apoia em tudo. Até nas ideias mais mirabolantes.*

*E à Jojozinha (Joana Almeida Prado), a leitora beta mais linda do Universo. Obrigada por embarcar comigo nessa aventura. Ter você ao meu lado, tornou tudo muito mais divertido.*









*“Mesmo que eu lhe faça uma jaula, não poderei aprisioná-la – a esta selvagem e bela criatura! Se eu rasgasse e destruísse a leve prisão que a tranca, meu castigo seria deixar a cativa livre. Posso conquistar a casa, mas a moradora escaparia para o céu antes que eu pudesse me considerar dono da sua morada. E é você, espírito – com a vontade e a energia, a virtude e a pureza – é a você que eu quero, não apenas a carne frágil”.*

*Jane Eyre, Charlotte Brönte*

*Querida Charlotte,*

*Como gostaria de lhe dizer que você é, simplesmente, extraordinária. Mas, infelizmente, não nascemos na mesma época da história humana. Peço ao querido Deus que lhe entregue essa mensagem ou que nossos espíritos se encontrem algum dia.*

*Sua fã, de verdade.*

*Miriam*



## Prefácio

O que me fez passar mais de uma semana com “A ESPOSA DO REI” foi, mais do que o convite para o prefácio, a curiosidade sobre a busca pelo “buraco de minhoca”. O “de repente” se deu quando li o primeiro parágrafo. O primeiro contato com a obra é tão importante quanto o resumo da contracapa, ao menos, ao meu entender.

E, M. Okuno me surpreendeu com sua anedota sobre “o contar essa história” ou “quase enlouquecer”. Me perguntei: “será que ela ainda se considera sã?”.

Pois, depois de passar perto de duas semanas com essa mocinha chamada Lin e vivenciar algumas reviravoltas dentro de uma escrita fluída, generosa e que tem lá suas referências de literatura norte-americana, constatei: alguém que cria um mundo novo, e o descreve com tanta delicadeza, não perdeu a sanidade.

Nasce uma escritora para mexer com o inconsciente e as fantasias de quem ainda não encarou a vida adulta de frente, ou, quem sabe, encarou e encara, mas prefere um refúgio seguro num mundo distante, com personagens leves e que nos fazem viajar sem culpa, sabendo a hora de voltar. Essa leitura é para quem quer imaginar e sentir tudo o que

essa protagonista, eu diria, um tanto quanto rebelde, sente. Ela faz um esforço absurdo para que sejamos parte de sua vida, e quando estamos nos sentindo a própria personagem, ela se despede. E deixa saudades.

A ESPOSA DO REI é um encontro precioso de fantasia e ficção, pois ambas têm lá suas diferenças e M. Okuno as une brilhantemente. Boa leitura.

***Lucas Felix***

*(autor do livro "As lembranças que não quero esquecer")*

1



*Os dois céus*

É melhor começar a contar a minha fantástica, para não dizer esdrúxula, história antes que os detalhes mais interessantes comecem a se perder na longa linha do tempo ou entre as várias fileiras de arquivos da minha memória, que já nem é tão boa assim. Antes de eu mesma começar a duvidar que algum cérebro minimamente saudável possa processá-la. Antes que nem eu queira mais tocar no assunto, afinal, meus leitores podem achar que enlouqueci.

Acho que tudo começou quando eu morri, e a morte é sim o pior dia da vida de alguém. E você pode estar pensando, como uma pessoa passa de cadáver à esposa de um rei? Caro amigo, essa é uma história que vale a pena se contada, e eu sugiro que você se sente, pois o que vou lhe dizer, até para os mais simplórios, é, como eu disse, inacreditável.

Na primavera de 2017, se havia alguém feliz nesse universo era eu. Havia acabado de realizar a viagem mais incrível da minha, até então, vida. Passeio, inclusive, que me custou um tempo juntando um trocado e vários finais de semana vendo o “repeteco” de meus filmes favoritos na TV a cabo, porque sair custa dinheiro, principalmente com os amigos, que parecem sempre insistir em escolher o lugar mais caro.

Desde criança eu nutria a vontade de conhecer Londres, a capital de um país, que teima em manter o tipo de governo mais antigo do mundo, a monarquia. Ver o palácio da rainha, ainda que de longe, só para se ter certeza de que existe mesmo, bem como os castelos medievais e as construções históricas de uma época, que faz o coração mergulhar em sonhos recheados de príncipes e cavaleiros, no fundo, era quase como testemunhar minha imaginação virar realidade.

Quando cresci, juntei o dinheiro necessário e me aventurei como mochileira, agora mais com a intenção de conhecer um pouco do mundo do que me certificar que príncipes, no sentido romântico do termo, são ou foram reais em algum momento da história humana.

Há muito eu já havia deixado de querer um príncipe, que dirá um rei. E Londres era tudo o que eu pensei que fosse, a beleza que sobrevive ao tempo, muito embora o palácio de Buckingham não fosse nem um pingão parecido com o da Disney. Era basicamente um retângulo.

No meu dia fatídico, embarquei num voo no aeroporto de Heathrow, de volta para a casa depois de quarenta dias de pura liberdade e diversão, que fizeram meus finais de semana de pipoca e suco de caju valerem muito a pena. Apesar da tristeza por ver minhas curtas férias chegarem ao fim, eu estava ansiosa por regressar.

Voltar à minha rotina, aos meus desenhos, ao meu piano velho, às minhas séries, principalmente Sherlock, e aos meus livros, ainda que eu soubesse que um terrível TCC<sup>1</sup> estava no meu futuro relativamente imediato.

Eu odiava sentar nas poltronas do meio. Você sempre se sente deslocado entre duas pessoas desconhecidas, sem saber

---

1. Trabalho de Conclusão de Curso.

ao certo se deveria puxar um assunto ou fingir que elas não estão ali. Pelo menos sentado na janela, você tem a opção de olhar o clima e a paisagem celeste, e no corredor pode ver o movimento dos comissários, mas, no meio, não tem sequer para onde olhar.

Decidi pegar meu livro favorito da vez, de *sir* Arthur Conan Doyle, e abri-lo com a remota esperança de que o tempo passasse mais depressa. E mais que isso, de que o nervosismo, por saber que dentro de alguns minutos não teria o precioso chão sob meus pés, também tomaria o seu rumo para bem longe da minha mente.

Viajar era bom, voar nem tanto.

Depois da tensão da decolagem, consegui relaxar um pouco. No ar, quando o avião estabiliza, dá até para fingir que se está em terra firme. O tempo estava tão bom, que me peguei rezando para que, ao chegar em casa, estivesse do mesmo jeito. Ainda havia várias horas pela frente, decidi, então, mergulhar fundo nas excentricidades de meu detetive favorito, contadas em linhas escritas há mais de cem anos. E, bem no meio da solução de um caso, acabei por adormecer. Enquanto vagava nas profundezas de meus sonhos, em um lugar onde a tranquilidade parece atingir a pele, como uma brisa noturna suave após um dia de calor, a imagem dele voltou a assombrar meus devaneios.

Na maior parte do tempo, quando estou consciente, simplesmente não penso naquele garoto que conheci aos catorze anos. Apenas quando deixo meu inconsciente emergir calmo, é que a imagem dele surge involuntariamente. Só nesses momentos lembro-me daquele olhar, que parecia maravilhado com cada coisa minúscula que ele via.

Planando entre imagens e sonhos, as lembranças do rosto lindo e inocente se esvaem quando outra visão se forma, a

do brilho das pequenas pedras da pulseira que ele me deu, um dia antes de partir. Pedras que, quando eu era criança, sempre punha em direção à luz porque me maravilhava vislumbrar o brilho colorido. Recordei do primeiro dia em que ele conseguiu me dizer o próprio nome, Dáian, e de como o ensinei a falar a minha língua. Era engraçado vê-lo tentando se comunicar.

Em meio a essas suaves memórias, um estrondo me fez acordar em um sobressalto. Ao abrir os olhos, percebi os olhares preocupados dos passageiros e a agitação dos tripulantes. Tentei olhar um pouco pela janela e aquele tempo aberto havia desaparecido como por encanto. Os clarões dos raios e o estrondo dos trovões que caíram a seguir pareciam o prelúdio do Ragnarok,<sup>2</sup> e o pânico começou a se espalhar pela aeronave ao ter início a terrível turbulência.

Não sei se consigo entrar em mais detalhes dessa parte da história. Passar pela queda de uma aeronave é o maior medo que um ser humano deve, deveras, sentir, pelo menos aqueles que têm um pingão de amor à vida.

Tudo que consigo descrever é que quando a agitação começou, instintivamente segurei firme a pulseira que Dáian havia me dado. Ela nunca saía do meu braço e, conscientemente, convenci-me de que era porque eu já havia me habituado a ela.

Pensei nos meus pais, nos meus amigos e em tudo que eu amava fazer e, provavelmente, não voltaria a ter outra oportunidade. Pensei que ainda haviam várias músicas que eu gostaria de ouvir no Youtube e, depois, dedilhá-las em meu velho piano. Além disso, não tinha acabado meu portfólio de desenhos nem montado minha clínica. Até meu filme tão

---

2. Ser da mitologia nórdica, Ragnarök significa o destino dos deuses.



esperado, Liga da Justiça, que eu queria tanto ver em novembro, passou pela minha cabeça.

Dar adeus à vida é algo extremamente doloroso, quando se tem algum tempo para se conscientizar da iminência da morte. Tirei minha pulseira e pus dentro do sutiã, nem sei por que, e, por incrível que pareça, apesar de ter ouvido muito choro naquela aeronave, não chorei. E ali estava eu, com meus joelhos envoltos em meus braços e uma máscara de oxigênio abraçando minha cabeça. Fiquei abaixada como mandavam as instruções de segurança.

Logo em seguida, senti o avião desacelerando um pouco até bater na água, bem mais suave do que havia imaginado. Talvez o piloto ainda tivesse tentado alguma última manobra desesperada.

E depois disso, em algum lugar no meio do Atlântico, aquele monstro de liga de alumínio e fibra de vidro começou a afundar. Fiz tudo que podia para não olhar ao redor. Não queria ver as pessoas. Não queria que fossem as últimas imagens que meus olhos contemplariam.

Permaneci abaixada até que ouvi a movimentação desesperada de alguns tripulantes nas saídas de emergência.

– Deus! Essa maldita porta não quer abrir – ouvi alguém esbravejar.

Levantei tremendo, tentando não olhar em torno, contudo não pude deixar de notar que haviam menos pessoas usando, como eu, as últimas forças, agarrando-se a um fio de esperança que, de tão tênue, até uma formiga poderia rompê-lo.

Apenas lembro de meu cérebro dizendo várias e várias vezes às minhas cambaleantes pernas para continuarem andando e desviando dos obstáculos em direção às portas. Embora o treinamento dos comissários seja para garantirem a sobrevivência dos passageiros primeiro, percebi que, quando o

portão da morte se abre e a gravidade extrema de seu grande buraco negro começa a sugar tudo, é cada um por si.

Não sei ao certo como consegui passar pela porta de emergência. Apenas acabei sentindo um alívio ignorante por mergulhar na água gelada do oceano. Ignorante porque não era grande vantagem nadar num mar agitado, no meio do nada, sobre aqueles que ainda se encontravam na aeronave ou sobre aqueles que jamais sairiam dela.

Quando consegui raciocinar um pouco, notei que, provavelmente, minha atitude somente tivesse adiando o inevitável e que, cedo ou tarde, minha alma cederia a força gravitacional do outro mundo. Também me senti a mais idiota das criaturas por esquecer de uma das regras básicas de segurança: a de trazer o assento do avião, que todo mundo sabe que flutua na água.

Tentei olhar em volta, encontrar outras pessoas, mas tudo parecia tão confuso, como acontece em um sonho no qual, pouco antes de se despertar, as coisas começam a ficar desconexas e bizarras e, assim, a mente entende que está sonhando e desperta. No entanto, por mais que eu quisesse, não havia como acordar daquilo.

Depois de alguns minutos, meus braços e pernas estavam exaustos como se tivessem nadado por horas. A força do mar abaixo de mim tornou-se tão forte, provavelmente por causa da aeronave moribunda, que senti ser impossível resistir. Tive a sensação de que era puxada cada vez mais para o fundo. Então, decidi abrir meus olhos. Queria aproveitar meu derradeiro fôlego para tentar ver alguma última imagem do planeta, que havia sido meu lar por vinte e quatro curtos anos.

Ao abrir meus olhos, já imersa no oceano, olhei para baixo e vi uma imensidão clara, um céu tão nítido e vívido como o de uma tarde ensolarada. Aquela imagem só parecia

inacreditável porque havia uma lâmina de água entre meus olhos e ela.

Meu cérebro começou a entrar em curto, para mim o que parecia ser o fundo do oceano na verdade era a superfície? Levantei a cabeça no sentido que meu senso de direção ainda dizia ser a superfície e, inacreditavelmente, vislumbrei outro céu, mas esse era escuro e cheio de nuvens carregadas, nas quais ainda havia lampejos flamejantes de raios.

Talvez a loucura visite aquele que está prestes a morrer, mas, acredite ou não, meus olhos viam nitidamente dois céus, e eu já não sabia em direção a qual deles devia nadar se quisesse me salvar.

O céu tranquilo de fim de tarde parecia bem mais atraente, mas meus braços já ardiam tanto, como se eu tivesse levado uma surra em um octógono<sup>3</sup> de MMA. Finalmente, fechei os olhos e deixei meu corpo ser sugado em direção àquele céu estranho, pois ali, talvez, fosse a porta do paraíso. Àquela altura, já não importava. Deixei minha mente afundar com o meu corpo e a última imagem de que me lembrei, ainda que meu consciente quisesse negar a todo custo, foi a dele – Dáian.

---

3. Espaço em que se realizam lutas marciais.



# *O garoto mudo*

A lembrança de Dáian acabou fazendo emergir todas aquelas memórias da minha infância, inclusive aquelas que havia enterrado fundo, como as lágrimas que escorreram do meu rosto e caíram na terra quente, descendo até as profundezas de algum lençol freático.

Nem o brilho da pulseira conseguia me consolar. Uma vez li, em algum lugar, que as mãos que dizem adeus são pássaros que vão morrendo lentamente. Mas, e quando o adeus é tão repentino que você nem vê as mãos daquele que está partindo?

Minha família tem uma propriedade perto de uma área de preservação ambiental, no interior do estado. Quando eu era pequena, todas as férias íamos para lá. Eu sempre achava que, nas férias seguintes, teria um irmãozinho para levar e, assim, por várias férias, criei essa expectativa até que acabei perdendo a esperança.

Meus pais são aquilo que podemos chamar de casal bem-sucedido. Eles se conheceram na faculdade de engenharia e, após terminarem a graduação, montaram uma empresa bem rentável. Contudo, meu pai detesta ostentar, e temos, por isso, levado uma vida relativamente simples.

Meu pai tem outra regra, nunca transmitir a mim a lição de que as coisas são fáceis. Por isso, se eu quero algo, tenho de batalhar para ter.

O sucesso profissional dos meus pais custa-lhes muito tempo e energia mental. Não que eu esteja reclamando da maravilhosa vida com a qual fui abençoada, mas, em razão da opção deles pela profissão, eu ficava um pouco solitária na maior parte do ano.

Era por isso, que eu esperava tanto pelas férias no sítio. Nas férias escolares dos meus catorze anos, meus pais estavam trabalhando num projeto de um arranha-céu<sup>4</sup> comercial de quarenta andares e, acabaram levando trabalho para casa, aliás, trabalho para as férias.

Fiquei tão desapontada, que, no segundo dia de nossa chegada ao sítio, saí cedo, batendo os pés e com um bico quilométrico. Fui com essa cara amarrada até a cachoeira, na qual tínhamos nos divertido tanto em anos anteriores. Quando cheguei e vi que ainda estava lá o castelinho de pedras que, no ano passado, havíamos começado a construir, acabei deixando escapar as lágrimas que eu estava contendo o caminho todo.

Mais tarde, com o coração mais leve, limpei os olhos e levantei a cabeça. Bem na minha frente estava um garoto, olhando para mim como se eu fosse alguma coisa de outro mundo. Ele era um pouco mais velho, uns dois anos talvez, com um cabelo castanho chocolate e a pele levemente bronzeada. Ele estendeu a mão e me deu uma flor, daquelas bonitas que cresciam bem perto da cachoeira.

– Obrigada – respondi, tentando esconder meu rosto atrás da minha franja.

---

4. Edifício de vários andares.

Ele ouviu meu agradecimento, mas não disse nada nem expressou reação alguma, simplesmente passou por mim e continuou pulando as pedras em direção as trepadeiras de primaveras. Quando percebi que ele ia tocar nos galhos, corri e segurei o braço dele.

– Não faça isso! – repreendi.

Ele olhou para mim sem entender. Então, levantei as flores com cuidado e mostrei-lhe os espinhos pontiagudos existentes nos galhos, o que fez com que o garoto arregalasse os grandes olhos castanhos caramelados. As roupas que ele usava eram uma mistura de moda moderna e moda retrô, eu acho.

– Essa foi por pouco – concluí, sorrindo.

Ele deu um sorriso meio tímido, como quem entende que estava prestes a fazer uma tolice. Entretanto, não tirava aquela expressão confusa do rosto.

– Qual o seu nome? – perguntei meio acanhada.

Sem dizer nada, ele ficou olhando de um lado para o outro, igualzinho a quem fica constrangido de admitir que não entendeu alguma coisa.

*Será que ele é mudo ou surdo ou os dois? – pensei.*

Continuei esperando uma resposta, mas ele só ficou parado sem dizer nada.

*Surdo ele não é, definitivamente. Porque tenho certeza de que ele ouviu quando eu disse para não pôr a mão na flor.*

Acabei me convencendo de que ele era mudo. E o pior era que eu não fazia a menor ideia de como me comunicar com alguém assim. Ensaiei alguns gestos que achava serem típicos da linguagem de sinais, no entanto, percebi que ele também não entendia.

*Tá bom! Então, eu era péssima com sinais.*

Apontei em direção à cerejeira a alguns passos dali, já que ele gostava de flores. Pareceu que ele havia entendido

meu convite e, então, caminhamos um pouco até chegar àquela árvore gigante, que parecia um enorme algodão doce de flores.

Nunca me esquecerei da cara que ele fez quando a viu. Acho que se eu tivesse mostrado um *Playstation 3* que, na época era o videogame *top dos tops*, ele não teria ficado tão maravilhado.

Então, comecei a falar com ele sobre tudo. Mostrei-lhe plantas, pedras, a água, o projeto de casa na árvore, que pelo jeito nunca deixaria de ser projeto, como não deixou mesmo, e falei de tudo de que gostava. Ele ouvia atentamente, às vezes sorria, às vezes ficava surpreso, mas aquela ponta de indagação não saía de seu semblante, tampouco do olhar. No fim da tarde, despedi-me dele com uma dorzinha no coração.

*Por que será que Deus fez o tempo tão rebelde assim, sempre fazendo o contrário do que a gente quer?*

No dia seguinte, levantei cedo e corri para ver se o garoto mudo estava na cachoeira e, para minha surpresa, ele estava lá sentadinho onde havíamos nos encontrado.

Quando cheguei, ele se levantou e sorriu. Parecia que estava esperando por mim e, inesperadamente, meu coração acelerou de alegria. Comecei a falar que nem uma matraca quebrada. Ele parecia achar graça. Peguei um canário tão bonitinho e coloquei nas mãos dele.

– Esse pássaro tem um canto tão bonito – continuei matracando.

– Pa... passa... pássaro – ele disse.

O meu espanto deve ter ficado nítido porque ele acabou arregalando os olhos de volta para mim. Então, ele não era mudo como eu havia pensado. Ah... algumas coisas começaram a fazer sentido.

*Ele é só estrangeiro! Menos mal.*

Acabei rindo da minha idiotice por achar que o garoto era mudo.

Começamos a nos encontrar todos os dias, e ficávamos juntos desde de manhã até o sol quase se pôr. A cada dia ele aprendia mais. Até que, alguns dias depois de termos nos conhecido, ele disse com a dicção ainda um pouco enrolada:

– Eu me chamo Dáian, e você?

– Everlin – respondi com o rosto queimando de tão vermelho.

Falar sem parar sobre coisas triviais era simples, fácil. Afinal, não há envolvimento nisso. Mas dizer algo pessoal, e ainda a palavra que lhe individualiza entre todos os demais, era embaraçoso. Passar os dias com ele, fez com que meus instintos femininos despertassem precocemente. Para ele, talvez, não houvesse nenhuma diferença entre mim e um animal de estimação. Mas eu acabei caindo nas armadilhas do meu sexo frágil, e já o achava lindo, o menino mais lindo que eu havia visto.

– Pode me chamar só de Lin – falei, esforçando-me para não gaguejar.

Ao ouvir meu apelido, ele acabou soltando um sorriso feliz e inocente. Ele era diferente. Não falava de jogos de fliperama nem de quadrinhos, tampouco de desenhos animados. Gostava de aprender e, principalmente, da natureza. Lembro-me de um dia levar meu MP3 *player*, com todas minhas músicas favoritas. Naquela época eu já tinha pelo menos cem CDs, que ainda conservo na minha coleção atual. E no MP3 havia várias músicas de vários cantores e os meus preferidos: Brian Mcknight, N'Sync, Michael Jackson, Thalia e muitos outros. Coloquei a faixa três do álbum *American Town*, do *Five for Fighting* umas das minhas músicas prediletas até hoje, o fone sobre seus ouvidos e apertei o *play*. Ele deu um sobressalto na sequência.



– O que é isso? Igual mágica – comentou.

– Parece mágico – corrigi.

Ele balançou a cabeça como se não tivesse entendido bem a diferença, aliás como se não tivesse entendido nada.

*Será que ele vem de um país tão pobre que ainda não tem mp3?  
Ou de um que não tem esses tipos de músicas?*

Ele não parecia pobre, bem como não lembrava nenhuma etnia específica. Acabei achando melhor não perguntar de que país viera, pois não quis dar a falsa impressão de que eu era preconceituosa ou algo assim. Ele poderia se ofender. Emprestei meu MP3 *player* a ele, que o levou no fim da tarde, como se tivesse carregando um diamante de um quilo.

Com o passar dos dias, percebi que ele aprendia rápido. Já estava falando muito bem minha língua e, por isso, decidi ensiná-lo a ler também e, palavra por palavra, ele foi evoluindo. Em troca, ele começou a me contar histórias de reis e cavaleiros antigos da terra dele que, para mim, pareciam mais contos de fadas. Entretanto, suas histórias acabaram alimentando minha imaginação, que já era bem fértil, por sinal.

O dia mais engraçado foi aquele em que o ensinei a andar de bicicleta. Quando aprendeu, ele andava nela tão feliz, como se estivesse sobre a oitava maravilha do mundo. Peguei minha *bike* e ele a do meu pai, e fugimos para cidade. Andamos pelas pacatas ruas daquela cidadezinha, mas Dáian olhava tudo como se estivéssemos numa grande metrópole.

– Que cheiro delicioso – afirmou, caçando com o nariz a origem do aroma.

– Vem dali – eu respondi.

Era uma barraquinha de pastel, cujo cheiro do de queijo estava viajando na velocidade da luz.

– Você quer um?

– O que se precisa fazer para ter um? – perguntou-me visivelmente interessado.

– Ter dinheiro – avisei.

– O que é dinheiro?

*Tenho certeza de que ele sabia o que era dinheiro, acho que ele não entendeu a palavra – pensei.*

– Dinheiro, aquilo que se usa para trocar por coisas – tentei explicar do jeito mais simples que consegui.

– Ah... isto?

Ele tirou do bolso várias moedas douradas. Olhei espantada e tentei cobrir as mãos deles com as minhas.

– Guarda isso, *tá* doido de tirar um negócio desse do bolso bem aqui.

– É suficiente?

– Deixe que eu cuido disso – expliquei, fazendo-lhe guardar as moedas.

Comprei os pastéis e o observei comer. Dáian mastigava com tanto gosto, e puxava o queijo se divertindo, como se tivesse comendo uma iguaria daquelas bem caras de restaurantes chiques.

– Vai dizer que você nunca comeu um pastel? – indaguei com a intenção de tirar onda com a cara dele.

Ele tentou dizer um “não” com a boca cheia, que acabou saindo como um ruído esquisito.

– Não precisa falar com a boca cheia, pode balançar a cabeça que eu entendo – falei sorrindo.

– Como assim balançar a cabeça? – ele disse assim que engoliu.

– Ah, você sabe... Faça assim.

Balancei a cabeça de um lado para outro.

– O que isso significa?

*Nossa, achei que os gestos de “sim” e “não” fossem universais – divaguei.*

– Significa que você quer dizer não. E se você fizer assim – balancei a cabeça para cima e para baixo – quer dizer sim, entendeu?

Ele balançou a cabeça para cima e para baixo. Tinha entendido direitinho.

Quando voltávamos para casa, fiquei curiosa sobre as moedas.

– Essas moedas são de ouro de verdade?

– Por que? Existe ouro de mentira?

– Onde as conseguiu? – indaguei.

– Peguei do cofre do meu pai.

*Ele tinha várias moedas de ouro no bolso, e não sabia o que era um MP3 player. Sei lá, tem cada um no mundo – pensei.*

Dáian e eu nos dávamos tão bem que parecia natural estarmos juntos. Meus pais ficaram concentrados totalmente no projeto do arranha-céu e nem me dei conta disso. Surpreendia-me querendo não voltar para casa e o final de cada dia era doloroso, porque isso significava que o momento de ir embora de vez estava mais perto.

Numa manhã, depois de esperar por mim na cachoeira, como sempre, nós nos sentamos sobre as pedras, um de frente para o outro, com os pés sob a água. Comecei a contar a história do meu livro favorito e, de repente, senti os pés dele tocando os meus de uma maneira que não sei explicar.

De um jeito suave, carinhoso e, ao mesmo tempo, ousado e dominador. Eu não fazia a menor ideia de como ele conseguia fazer algo assim. Como ele conseguia tocar alguém assim, transformando um toque tão básico em algo tão desestruturador. Meu coração disparou e minhas mãos ficaram geladas como pedra.

Continuei olhando para o rio e ele continuava acariciando meus pés com os dele daquela forma que arrepiava até o último pelo do meu corpo. Levantei o olhar bem devagar e percebi que ele olhava para mim. Acabei desviando o rosto de uma forma bem brusca, um gesto irracional e mais óbvio impossível. O olhar dele era direto, como se quisesse deixar claro que o carinho era completamente intencional. Tive a sensação de que o verdadeiro objetivo dele era saber que efeito aquele toque teria sobre mim.

– Lin, com quem você vai se casar? – ele soltou a pergunta tão espontaneamente como se fosse a pergunta mais natural do mundo.

– E.. E.. Eu não sei – gaguejei.

Dáian levantou-se e sentou-se bem ao meu lado, invadindo o meu espaço pessoal.

– Como não sabe? Só faltam dois anos, já devia ir pensando, não acha?

– Dois anos para quê? – inquiri, tentando não gaguejar.

– Ora para você ter idade para se casar.

– Ninguém se casa aos dezesseis – mencionei sorrindo.

– Quanto tempo demora para as mulheres deste país casarem? – ele perguntou meio intrigado.

– Puxa, eu sei lá, aos trinta, eu acho.

– Tudo isso! – exclamou – Vai demorar muito.

– Ah, algumas se casam antes, eu acho – disse meio sem jeito.

– E você?

– Eu... bem... acho que depois de me formar e montar a minha clínica.

– O que é uma clínica?

– Ah, é um lugar onde se cura as pessoas. No meu caso os animais.

– E por que não pode ter sua clínica agora?

Eu ri. Não aguentei. Ele continuou sério.

– Por que preciso estudar muito antes, não se pode curar animais sem ter o conhecimento.

– Hum... – expressou fazendo um bico de quem não gostou muito da notícia.

Depois disso, ficamos um tempo em silêncio. Meu coração estava tão frenético e descontrolado que eu precisava desesperadamente não deixar que ele percebesse minha agitação de jeito nenhum. Tentei decifrar o estado emocional dele, mas não consegui. Ele parecia calmo, contudo apertava forte uma pedra lisa, que havia tirado da água antes da conversa, e a segurava em uma das mãos desde então. Não soube entender se era porque estava nervoso, impaciente ou não havia gostado nadinha das minhas respostas.

Ele levantou e atirou a pedra na água.

*Pelo jeito podia ser as três coisas juntas – pensei depois.*

– Por que neste país esposas não podem ser só esposas?

– O que quer dizer?

Ele se ajoelhou na minha frente, entrando na água rasa. Pegou um dos meus pés com uma das mãos e começou a deslizar as pontas do dedo médio e indicador, partindo de minha canela e indo até a ponta dos meus dedos. Meu coração já estava quase em colapso desde o início da conversa, mas, naquele momento, minha respiração também começou a ficar ofegante, como se eu tivesse me afogando no imenso oceano de oxigênio que temos no planeta.

– Um marido pode querer a esposa só para si – disse enquanto acariciava meus pés daquele jeito delicado e estranho.

O pior era que aquele carinho, por mais diferente que fosse, despertava, das profundezas do que eu era, um instinto que nem eu sabia que estava enterrado lá bem no fundo de

mim. Um que, naquele momento da minha vida, ainda deveria ficar adormecido. Um que, graças a Deus, nunca mais veio à tona, pelo menos até o meu trágico dia.

Quando achei que meu emocional desenfreado ia me fazer ter um treco, recolhi as pernas, retirando meu pé das mãos dele. Ele ficou olhando diretamente para mim, como se estivesse surpreso e desapontado. Depois desviou o olhar para a pedra na qual eu estava sentada, como se uma ideia estivesse martelando na sua cabeça.

– Você já tem outro pretendente? – quis saber com o olhar direto no meu, resoluto, quase zangado.

– Eu só tenho catorze anos, acho que nunca conversei tanto com um garoto na minha vida – mencionei sem pensar.

Ele deu um sorriso aliviado.

O cabelo dele, à luz do dia, ficava com uma cor marrom clara semelhante a uma calda de chocolate ao leite, daquelas bem cremosas que se derramam sobre um bolo recém-saído do forno. A pele dele era tão macia que acredito que, mesmo que as nuvens fossem mesmo de algodão, não seriam não gostosas ao toque. Sem falar no perfume que exalava.

*Como um garoto que aparentava ter pouco mais de quinze anos podia ser tão perfumado?*

Ele se sentou bem ao meu lado novamente.

– Por um minuto fiquei preocupado – explicou com o rosto que, de tão próximo, fazia-me sentir claramente a sua respiração leve correndo por meu ombro e descendo pelas minhas costas, eriçando até o último pelo da minha nuca.

Levantei assustada e ele me olhou sem entender.

– E.. e... eu preciso ir – eu disse, começando a correr em seguida.

Minha mente ficou em branco e nem me preocupei de parecer uma idiota saindo daquele jeito. Aquele sentimento

era tão grande e tão terrivelmente incontrolável, que eu não fazia não a menor ideia de como lidar com aquilo. Estava, simplesmente, consumindo-me por dentro. Era como se eu não fosse mais suficiente em mim mesma, e minha tristeza ou minha felicidade dependessem inteiramente de um único gesto dele. Era assustador.

Tudo o que consegui fazer foi correr sem parar em direção à minha casa. Precisava, desesperadamente, sair de perto dele, antes que todo aquele tumulto de sentimentos vertesse em lágrimas e, se isso acontece, eu queria estar bem longe de Dáian.

*Então é assim que se sente quando se está apaixonada? Isso é uma droga – pensei.*

Até naquela época eu já sabia disso.

Entrei em casa correndo e só ouvi de relance minha mãe dizer:

– Chegou cedo. Aconteceu alguma coisa?

– Não... nada não. Lembrei que vai passar um filme – conversei.

Abri a porta do quarto e me joguei sobre a cama. Nos braços do meu travesseiro. Estava evitando chorar a todo custo. Minha mãe podia ter a ideia de vir me ver, e eu teria de inventar uma explicação, e uma muito boa. Tentei respirar um pouco, pensar claramente.

*Como vou encará-lo amanhã? Será que eu não devia ir mais?*

Só de pensar nisso, eu já ficava sem ar de novo. Sem vê-lo, nem pensar. Eu ainda divagava nesses pensamentos, quando ouvi o barulho de algo batendo na janela. Abri o vidro e para minha surpresa e, também, para acabar de vez com o pouco da força que sobravam em minhas pernas, Dáian estava do lado de fora.

– Lin, por que você veio para casa? O dia ainda está longe de acabar.

Não consegui responder à pergunta. Enquanto o olhava e repetia para a minha mente, com a remota esperança de que ela transmitisse a mensagem ao resto do meu corpo:

*Por favor, não chore.*

Como minha resposta não vinha, percebi que Dáian começou a ficar aflito.

– Por favor, Lin. Se a ofendi em alguma coisa, peço desculpas. Mas, eu não aceito ficar sem você agora. Meu coração ficou cheio de expectativa de passar o dia com você. Essa esperança foi você mesma quem me deu.

Ao ouvi-lo dizer aquilo, meus olhos já não me obedeceram mais e as lágrimas começaram a correr livres. Ele se aproximou da janela correndo, e passou os braços pela abertura, abraçando-me.

– Me desculpe – foi tudo o que consegui dizer.

Sentindo o corpo dele perto do meu, pude notar uma coisa. O coração dele estava batendo tão disparado quanto o meu. Nesse instante, senti que minhas pernas recuperaram alguma força e meu cérebro voltou a funcionar.

– Não chore, Lin. Não chore, por favor. Ver você chorar assim, me parte ao meio.

Comecei a tentar secar um pouco meu rosto com as mãos. Ele se afastou um pouco de mim, com um semblante irritado.

– Por que você não quer que eu seja o seu pretendente? O que você não gosta em mim? O que falta? Fale...

Eu comecei a rir. Embora tenha sido espontânea a minha reação, ele continuava sério.

O sorriso que dei em seguida foi proporcional ao tamanho da felicidade que estava sentindo. Ele queria ser meu pretendente. Eu nem acreditava. E ele estava tão desapontado,



achando que eu não o queria. O pior era que a carinha dele de zangado o deixava mais bonito. Ele era lindo, não importava de que ângulo eu olhasse. Sem pensar muito, toquei o rosto dele, e ele olhou diretamente para mim, com aqueles olhos cor de caramelo, magníficos.

– Não falta nada, nadinha mesmo – eu disse.

Ele abriu um sorriso maior que o meu, maior que o próprio sol. E, então, ficamos ali nos olhando por alguns minutos, feito bobos. Naquela hora aprendi a maior das lições, o amor pode lhe levar do inferno ao céu em questão de segundos. Fração de segundo, eu diria. E pior, também podia fazer você trilhar o caminho inverso, com a mesma velocidade.

Depois disso, passamos uma tarde maravilhosa juntos. Uma das mais maravilhosas da minha vida. Não falamos mais sobre casamento ou namoro. Só desfrutamos da companhia um do outro, falando sobre tudo que amávamos. As histórias dele não faziam muito sentido para mim, mas me convenci de que o motivo era a diferença de cultura.

Estávamos juntos como sempre, entretanto era completamente diferente. O sentimento que tínhamos um pelo outro ficava evidente em qualquer coisinha que fazíamos. Naquele dia, o sol se pôs e eu não fui embora, nem ele. Ficamos deitados sob a cerejeira, olhando as estrelas. Era como se não quiséssemos nos despedir. Quando voltei para casa, levei a maior bronca da minha vida, no entanto, tinha valido a pena.

No dia seguinte, Dáian estava na cachoeira, como sempre. Ele veio até mim com um sorriso e uma empolgação, que me deixaram um pouco sem graça.

– Vem Lin, quero testar uma coisa.

Ele me pegou pela mão e me puxou até a cerejeira.

– Sente e feche os olhos – pediu com um sorriso travesso. Franzi a testa e arqueei as sobrancelhas.

– Anda... e não vale olhar.

Obedeci. Sentei ao pé daquela árvore maravilhosa e cheirosa, com a brisa levando meus cabelos e Dáian sentado bem atrás de mim. Ele pegou meus cabelos e começou a alisá-los. Conforme ele acariciava, seus dedos iam deslizando entre fios e mechas, passando pelo pescoço, ao pé da cabeça e percorrendo por todos os cantos nos quais os fios cresciam livres. Às vezes, ele fechava a mão pressionando levemente e, às vezes, apenas as pontas dos dedos dele só passeavam pela raiz dos meus cabelos.

– Ah... isso é tão bom – confessei, colocando as mãos na boca em seguida.

*Não acredito que falei isso em voz alta... – pensei, desejando um buraco onde pudesse me enterrar.*

Ele sorriu.

– Essa é a intenção – ele disse, com a mesma entonação travessa de sempre.

Ele fez aquilo por um bom tempo. De minha parte, eu me sentia cada vez mais entre nuvens. Aquilo relaxava até meu dedo mínimo, e do pé ainda por cima. Na posição em que estávamos, eu não podia ver o seu rosto, mas era como se eu pudesse sentir seu êxtase de me ver tão entregue, tão à mercê de seu toque, tão em suas mãos. Em seguida, ele começou a separar as mechas do meu cabelo e a prendê-los com grampos, que, até hoje, não sei de onde ele tirou, e flores de cerejeira.

– Pronto.

Abri os olhos e toquei meu cabelo, percebendo que estava todo preso de um jeito estranho ao toque. Quando estava prestes a me levantar, ele me segurou pelos braços, colocando as palmas das mãos bem onde ficam meus tríceps. Esperei por alguns instantes para saber se ele precisava dar algum retoque em sua obra de arte.

Nesse momento, ele encostou o rosto em mim, bem no final do meu pescoço e início das costas. Assim que ele tocou minha pele, começou a inspirar o aroma, como se estivesse cheirando uma flor das mais perfumadas. Corei e estremei.

– O que está fazendo? – perguntei, esforçando-me ao máximo para que ele não notasse o impacto que sua atitude teve sobre mim.

– Eu só precisava sentir o seu cheiro – ele respondeu, como se fosse a coisa mais óbvia e normal do mundo.

*A minha sorte foi que, naquele dia, não havia esquecido de usar meu creme de coco com baunilha.*

– Não vale desmanchar, tá? Vamos até a cachoeira ver como ficou – ele disse enfim.

Levantei ainda com o rosto ruborizado de tanta vergonha. Quando me deparei com o meu reflexo na água transparente, pude ver que ele havia prendido meus cabelos num penteado lindo. Ele dera um belo formato de flores às mechas presas e colocou as flores das cerejeiras para dar um toque de natureza. Ficou belíssimo. Eu poderia ser dama de honra de um casamento facilmente com aquele penteado, só faltava o vestido. Olhei para ele encantada com a habilidade.

– Sonhei com você assim essa noite e queria ver como ficava de verdade.

Sorri. Com o cabelo preso daquela forma, senti-me mais à altura de ser um par para ele, afinal a beleza dele, não só superava a minha, pelo menos na minha humilde opinião, como também era diferente de algum modo, de um jeito que eu não sabia explicar. Era como se a cadeia de seres humanos que deram origem a Dáian tivesse evoluído de um jeito diferente de todas as demais.

– Só falta uma coisa. Feche os olhos.

– De novo?

– É. Rápido.

Fechei não conseguindo para de rir e de me mexer, meus sentimentos estavam acelerados como num turbilhão, fazendo com que meu corpo ficasse agitado.

– Quieta.

– Desculpa.

De repente, senti algo delicado e frio correndo pelo meu pulso até minhas mãos. Abri os olhos e ele virou delicadamente o meu braço, mostrando o que havia colocado nele. Uma pulseira dourada com várias pedras transparentes imbricadas.

– É linda! – exclamei.

Ele correu os dedos por meus braços levemente, fazendo estremecer até minha última célula.

– Mas eu não tenho nada para lhe dar.

– Não precisa, ficou perfeita no seu braço branco, delicado e macio. É viciante tocar a sua pele.

Eu arregalei os olhos e meu coração disparou. Como ele conseguia dizer coisas tão embaraçosas de um jeito tão natural, como se tivesse fazendo um pedido de um hambúrguer “duplo cheddar bacon” em uma lanchonete de *fast food*.

– Ah, tenho algo para te dar sim.

Tirei meu MP3 *player* da bolsa e estendi em sua direção.

– O seu aparelho de música? – indagou surpreso.

– Para você.

Ele pegou como se fosse um tesouro.

Passamos outro dia maravilhoso juntos. Entretanto, conforme a tarde foi caindo, senti que Dáian se tornava pensativo e quieto. Quando não pude mais suportar, quis saber o que o incomodava.

– Dáian, o que foi?

– Eu preciso lhe fazer uma pergunta, mas estou com medo da sua resposta. E mais medo da minha reação à sua resposta.

– Como assim?

*Ele, com medo de dizer alguma coisa? Era quase impossível, ele falava tudo o que lhe vinha à mente.*

– Tá bom, lá vai. Mas se a minha reação for meio irracional, não me odeie por isso. Quando eu quero uma coisa de verdade, não consigo lidar bem com a rejeição.

– Tá bem – falei sem entender muito.

– Se eu lhe pedisse para vir comigo, para um lugar onde você não pudesse mais voltar, você viria? – perguntou, virando para não olhar para mim. Acho que ele estava mesmo com medo da minha resposta.

– Sim – consenti facilmente.

Ele virou rapidamente, espantado.

– Sério? Não acredito! – falou pegando minhas mãos, sorrindo como um menino e chegando tão perto do meu rosto, que eu senti sua respiração até na minha alma.

– Sim, mas não agora – completei.

Ele se afastou e soltou o ar dos pulmões de uma vez, como se tivesse levado um balde de água fria.

– O que quer dizer, Lin?

– Dáian, eu só tenho catorze anos. Meus pais não estão preparados para me perder com essa idade. Seria um trauma para eles.

Ele abaixou o olhar, como se sua mente soubesse que eu tinha razão, mas não pudesse evitar o conflito interno.

– Eu só irei quando eles puderem me perder sem muitos efeitos colaterais.

– Lá pelos trinta?

Balancei a cabeça como quem diz: mais ou menos isso.

– Vocês demoram muito – ele completou meio desapontado, mas aliviado por a minha resposta não ter sido um “não”. Pelo menos era o que transparecia.

Quando chegamos ao lugar no qual tínhamos nos despedido todos esses dias, o penteado no meu cabelo ainda estava intacto. Eu queria muito ficar mais com Dáian, mas não podia nem sonhar em levar outra bronca, pois, caso contrário, meus pais interviriam, e eu não poderia mais sair, talvez pelo resto da vida.

– Eu preciso mesmo ir – externei, com a frustração saindo por meus poros.

Ele me olhou um pouco triste e senti que seu desalento não era só pela minha partida, nem pela resposta que dei. Tinha algo mais.

– Mais alguma coisa que queira me dizer, Dáian?

Ele me olhou parecendo que gostaria de dizer algo, mas depois pensou melhor e acabou por ficar em silêncio.

– Não Lin, está tudo bem – falou por fim, esboçando um meio sorriso.

– Até amanhã, então.

Ele ficou em silêncio. Sempre me devolvia “o até amanhã”, entretanto naquele dia não. Ainda parecia estar chateado. Acabei não querendo perturbá-lo.

Tive a leve impressão que o motivo era algo particular, no entanto, não tive certeza. Quando me virei para tomar a trilha de casa, ele segurou a ponta da minha saia, impedindo-me de partir.

Virei para ver se ele havia esquecido de me dizer alguma coisa. Quando olhei para ele só lembro dos olhos dele me hipnotizando, da lua que refletia sobre seu rosto, do seu peito meio a mostra pela pequena abertura na camisa e seu cabelo jogado, balançando com o vento.

Naquela hora me senti como um besouro atraído pela luz da lâmpada mais brilhante. Ele era alto, lindo e perfumado. E eu percebi que é possível que alguém se apaixone novamente

pela mesma pessoa. Meu corpo estava imóvel, só assistindo ele se aproximar cada vez mais de mim. Assistindo, como se fosse uma mera expectadora, seu rosto chegando cada vez mais perto, até que seus lábios tocaram os meus.

Tudo o que eu queria era que aquele momento durasse para sempre. Como um gesto tão irracional, esse de deixar outro ser encostar a boca dele na sua, pode ser tão maravilhoso? Pensando nisso, os seres humanos são estranhos. Os lábios dele não eram só macios, doces, afetuosos, sensuais, eram muito mais que tudo isso. A sensação de prazer era indescritível.

*Como suportei viver catorze anos sem isso? Como suportaria viver outros oitenta?*

Eu o amava. Essa era a verdade.

Os lábios dele deixaram os meus, e, então, pude entender o que ele disse mais cedo sobre como alguma coisa pode ser dolorosamente viciante. Mas era óbvio que eu não diria isso em voz alta do mesmo modo que ele fizera. Negaria até a morte. As minhas pernas estavam tão moles, que, certamente, qualquer ventinho mais forte teria me feito cair.

– Boa noite, minha Lin – ele disse, saindo rapidamente em seguida, como se quisesse me dizer que se não fizesse isso bruscamente não conseguiria ir embora.

– Boa noite – respondi para as costas dele, que já estavam distantes.

*Deve ser por isso que todo mundo idolatra o primeiro beijo.*

Voltei para casa não sei como e dormi também sem saber como.

No dia seguinte, fui até o nosso ponto de encontro, mas Dáian não estava lá. Só havia uma flor sobre a nossa pedra. A mesma flor que cresce ao pé da cachoeira, a qual ele havia me dado no dia em que nos conhecêramos. Esperei o dia todo

em vão e acabei por ficar preocupada porque Dáian nunca deixava de vir. E nos dias que se seguiram, ele também não veio, por mais que eu o esperasse.

No último dia de férias, meus pais estavam arrumando tudo para regressarmos e eu continuava plantada sobre a nossa pedra, esperando.

Quando percebi que não adiantava mais nutrir nenhuma esperança de que ele retornaria, fui até a nossa cerejeira. Haviam caído muitas flores e ela já estava com um aspecto de árvore seca. Só me lembro de me abaixar ali e abraçar meus próprios joelhos. Eu nunca chorei tanto.

## *Próximo Capítulo*

*“Trezentos e Sessenta Graus”*

*NÃO PERÇA!!!!!!*